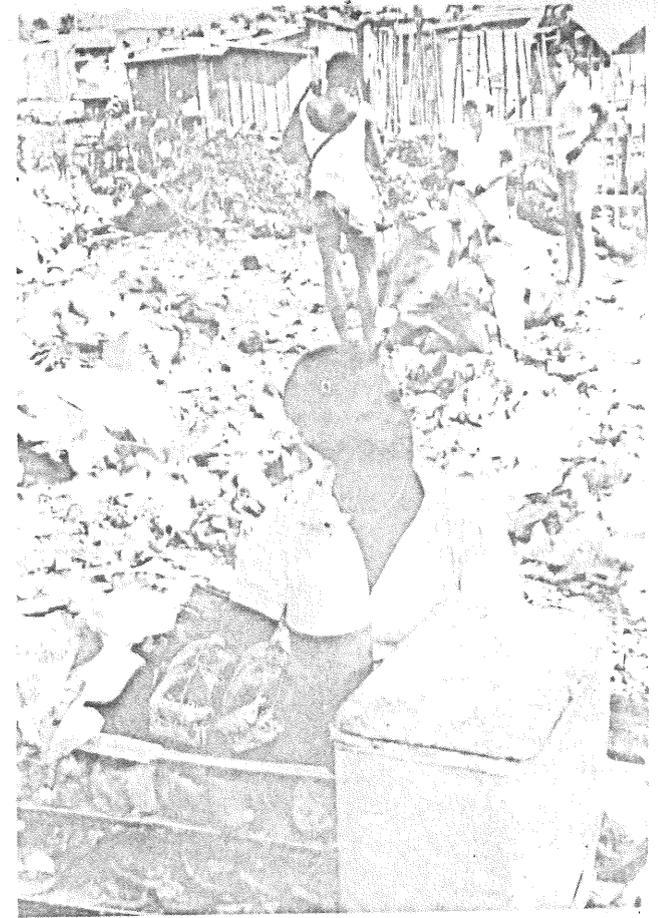


Israel foi atendido. As outras crianças esperam sua vez.

2 cópias



No meio do lixão um comércio incomum



As crianças: trabalhando no lixo

“Não sei se o proprietário vai ter coragem de quebrar tudo, como vem ameaçando. Agora, ele só vai tirar o pessoal de dentro desse terreno com ordem judicial. Caso contrário, vamos reagir. Mas se ele conseguir derrubar tudo mesmo, o jeito é a gente construir tudo de novo”. Desempregado há um mês, quando foi despedido de uma firma onde trabalhava como motorista, ele parece não se desesperar:

— Se não conseguir arranjar um novo emprego daqui a uma semana, vou cair caçando lixo como o resto do pessoal. É a maneira mais honesta de ganhar algum dinheiro. De vez em quando, apanho o jornal para ver se tem alguma coisa à vista, e tem mais gente se oferecendo para trabalhar do que oferta de emprego.

A situação de uma família que também ajudou a invadir esse terreno há 15 dias, talvez seja a pior do local. São seis pessoas vivendo num espaço de dois metros e meio de largura por dois de comprimento. Dentre esse amontado de gente, vive um homem com problemas cardíacos. Tempos atrás ele sentiu-se mal e tiveram que

O Caderno Dois mostrou esta semana duas matérias sobre uma família do bairro São Pedro que vive às custas do lixo. A história de Israel, um garoto de três anos, subnutrido, debilitado tanto física quanto emocionalmente, comoveu a cidade. Em resposta à denúncia feita pelo jornal, muitas pessoas se ofereceram para ajudar a criança. (As entidades governamentais, estranhamente, não se pronunciaram).

O problema é que a situação de Israel não é um caso isolado. Ele é apenas um dos muitos meninos carentes e esfomeados que vivem no mangue e nas favelas da cidade. Estas crianças são filhos de famílias numerosas que ocupam espaços reduzidos, nos quais sequer caberia, em condições normais, uma pessoa.

Estas crianças ainda não tiveram sua fome saciada e estão espalhadas por toda a cidade e por São Pedro I, II, III, IV...

Meiio-dia. Hora em que, provavelmente, grande parte das famílias de classe média brasileira estará sentada à mesa para começar a almoçar. Na certa, além do arroz com feijão tradicional, como complemento, uma salada qualquer e um determinado tipo de carne. Esta é uma cena que se repete todos os dias, como um ritual quase obrigatório.

Mas na localidade de São Pedro, ou melhor, no mangue, este ritual, obrigatório para alguns, não chega a ser um privilégio para seus moradores. As famílias, se é que se pode chamar assim aqueles agrupamentos humanos, vivem na mais completa miséria que se possa imaginar. Atualmente,

Vieira Lima está morando há três meses numa área recém-invadida. Só que ela ainda não penetrou no terreno. Por enquanto, mora ao lado do asfalto, encostada numa cerca de arame farpado. Sua pequena barraca deve ter um metro e meio de comprimento por um de largura. Pequenas ripas forradas por uns retalhos de pano suportam a barraquinha, que mais parece brinquedo de criança pobre em fundo de quintal.

Meio-dia e dez. Dona Ilda está terminando seu almoço. No rógão, formado por três tijolos, uma lata de banha improvisada como panela. Dentro da vasilha, acabando de ser frita, uma carne que não dá para distinguir de onde provém. Se alguém

que ser ensacados e serão vendidos a quilo. Os preços variam de material para material. Um quilo de plástico grosso é vendido a Cr\$ 15. O plástico fino a Cr\$ 10 o quilo. O que recebe o melhor preço é a garrafa de suco, que é vendida a Cr\$ 5 a unidade.

Dois terrenos são, no momento, os mais problemáticos para os invasores. E estão localizados exatamente na frente do espaço onde é depositado o lixo recolhido em Vitória. O local mede, aproximadamente, oitocentos metros quadrados e tem no interior nove barracos.

— Esse terreno aqui —, aponta um morador — pertence a um procurador e advogado da Prefeitura da Serra. Humberto



alguns, não chega a ser um privilégio para seus moradores. As famílias, se é que se pode chamar assim aqueles agrupamentos humanos, vivem na mais completa miséria que se possa imaginar. Atualmente, devem viver em São Pedro I, II, III e IV perto de 18 mil famílias. Seus barracos, construídos de madeira, quase sempre de péssima qualidade, geralmente não ultrapassam os oito metros quadrados.

Luz, água potável, calçamento, esgoto... Nada disso existe. E o que ali existe vive na mais completa promiscuidade. Não é preciso perguntar às pessoas que moram nestes locais qual é o maior problema que enfrentam. Basta observar e comprovar em suas fisionomias a subnutrição, a miséria, a solidão, enfim, o flagelo humano. Na passividade das crianças, que, normalmente, entre três e sete anos de idade estão cheias de energia, estão evidentes os quadros carenciais em função de uma alimentação inexistente. Quase sempre com as barriguinhas muito grandes (uma clara evidência de vermes), elas se juntam aos pais, nas suas funções habituais do dia-a-dia: são todos catadores de lixo.

A cada caminhão da Prefeitura municipal que chega trazendo o lixo da cidade, a disputa fica mais acirrada. No meio dos restos do povo, estão competindo urubus, cachorros, ratos e seres humanos. E o objetivo no revirar do lixo não é distinto. Todos têm a mesma intenção: a de tirar dali o alimento. As formas são diferentes, de animais para animais, mas o objetivo é comum.

São Pedro fica situado entre os bairros de Santo Antônio e São Cristóvão e está crescendo assustadoramente. Pessoas vindas de Teixeira de Freitas, na Bahia, e de outras cidades de Minas Gerais, estão invadindo esta localidade. Os morros agora são os lugares preferidos dos invasores, que encontraram, assim, um espaço a mais. É comum verem-se caminhões de mudança chegar perguntando por um terreno onde possam baixar acampamento.

o o

Baiana de Itamaraju, Ilda

Miolo-dia e dez. Dona Ilda está terminando seu almoço. No rógão, formado por três tijolos, uma lata de banha improvisada como panela. Dentro da vasilha, acabando de ser frita, uma carne que não dá para distinguir de onde provém. Se alguém quisesse arriscar, a idéia mais próxima seria: "de cachorro". Afinal, no "Lixão" são jogados animais mortos que são achados na rua e triturados pelos caminhões da prefeitura. Assim, qualquer carne é carne. E na hora da fome, para a população de São Pedro sua procedência é o que menos importa.

Dona Ilda conta que veio de Itamaraju atraída por uma proposta de emprego: "Na minha cidade tem um farmacêutico que tem negócios por tudo que é lugar. Então, ele me chamou para que viesse trabalhar aqui em Vitória, na casa de um conhecido dele. Mas chegando aqui, trabalhei três meses e não recebi nada. A patroa achava Cr\$ 5 milhões por mês (ela quer dizer Cr\$ 5 mil), muito dinheiro. O jeito foi sair vagando por aí. Cheguei a morar com um companheiro, mas depois larguei, ele não queria nada. Morei ainda, com uma amiga baiana, e agora estou jogada neste lugar".

Dentro da pequena barraca de Ilda Lima, uma poltrona vermelha, recolhida do lixo, faz parte da mobília. Sua cama é formada por dois cavaletes que sustentam uma tábua com um colchão de palha em cima. O resto dos pertences são latinhas, que fazem as vezes de um jogo de janelas e alguns pedaços de madeira, sem fins específicos.

— Banho? Me lavo aí dentro mesmo. O lugar é pequeno, mas até por cima da cama a coisa vai. Doente não toma banho em cima da cama? Por que eu não posso tomar? Não adianta ficar espantado não, que a saída é essa mesma. A água que uso para me lavar e fazer comida, apanho de um poço aqui perto, onde estão construindo a igreja Batista.

O INTERMEDIÁRIO

O material recolhido pelos catadores de lixo é passado a um intermediário que o negociará a terceiros. Todos os detritos têm

cal mede, aproximadamente, oitocentos metros quadrados e tem no interior nove barracos.

— Esse terreno aqui —, aponta um morador — pertence a um procurador e advogado da Prefeitura da Serra, Humberto de não sei o quê. Ele já avisou que vai vir aqui e quebrar os barracos a paulada. Os proprietários vêm cheios de autoridades para cima da gente, dizendo que o terreno é deles e tal. Mas aposto minha vida que eles nunca pagaram um imposto sequer sobre a terra.

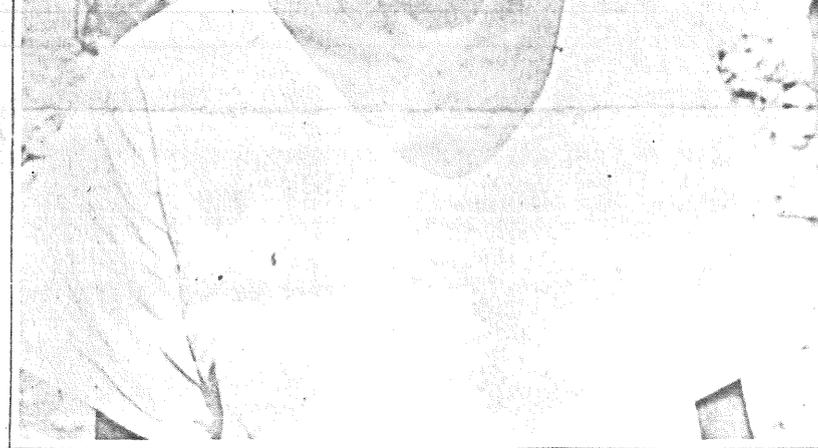
O desabafo é de Nestor Caetano, 47 anos, morando no local há um ano e meio. Ele pertence ao Centro Comunitário, onde ocupa a função de segundo secretário.

Nestor morava antes em Bairro da Penha. Saiu de lá depois que se separou da mulher, deixando para trás quatro filhos menores. "Atualmente estou desempregado. Faço somente alguns biscates. Vivo agora com uma mulher que é mãe solteira. Ela tem dois filhos. O barraco onde eu morava antes me pertencia, mas tive que deixar, por ordem do juiz, para minha ex-mulher".

O segundo secretário do Centro Comunitário de São Pedro relata que tem mais dores de cabeça com problemas dos moradores locais do que com os seus próprios. "Acontece que qualquer zum-zum-zum é levado ao conhecimento dos diretores do centro. Somos uma espécie de juizes de paz. Até uma simples saída de beco para a rua é questão de discussão. Fora aqueles que cismam invadir terrenos que já foram invadidos por outras famílias".

O outro espaço em questão pertence ao proprietário de uma loja de móveis situada no Parque Moscoso. E a ameaça é a mesma da do procurador da Prefeitura da Serra. "O dono do terreno disse que chegará aqui e quebrará tudo no cacete. Mas a história não ficará assim, pois os moradores do local dizem que se houver agressividade a resposta será à altura".

A opinião é de um morador do terreno invadido há 15 dias. Ele não demonstrou em momento algum qualquer pretensão de sair do local tão cedo.



Dona Ilda veio da Bahia para trabalhar...



... e acabou catando lixo



A casa de dona Ilda: uma cabana de criança pobre em fundo de quintal

peças de pau de lenha, com pessoas vivendo num espaço de dois metros e meio de largura por dois de comprimento. Dentre esse amontado de gente, vive um homem com problemas cardíacos. Tempos atrás ele sentiu-se mal e tiveram que sair correndo para o hospital. Só que nessa época a família morava mais para dentro do mangue. As dificuldades para conseguirem passar com o doente por cima das tábuas que servem de passarela foram grandes.

A partir desse momento a família resolveu mudar-se para perto do asfalto. E a solução mais simples foi invadir um terreno. Eles vieram de Afonso Cláudio, lugar onde, segundo afirmam, não tinham mais como viver. Agora desempregado e com todos filhos menores, o pai parece não encontrar outra solução, a não ser catar lixo como os vizinhos.

No meio do "Lixão", entre a algazarra das pessoas catando latas de óleo, vidros de sucos, plásticos e restos de comida, surge uma senhora: dona Osvaldina da Silva Barros. Ela está sentada num banquinho, com alguns traços de pintura no rosto e tem sorriso aberto. Em cima de uma mesa à sua frente, pão com carne, pão com ovo, cafezinho e ovos cozidos. Esse comércio ambulante no meio do lixo é que dá o sustento a quatro crianças que ela deixou em casa. A filha mais velha está com 14 anos e a menor com 10 meses.

— Não tenho mais marido. Tive que largar ele. Não estava dando certo. Antes eu trabalhava como trocadora na viação Grande Vitória. Cheguei a ficar quatro anos e 10 meses com ele. Depois fui mandada embora. Agora, com isso aqui, está dando para viver. Tem oito meses que moro aqui e nada tenho que reclamar.

A criança de olhos grudados em cima dos ovos cozidos e dos pães com carne de dona Osvaldina. Nas suas mãos, uma pequena cadernetinha muito suja, onde ela vai anotando os pedidos e os nomes das pessoas. "Aqui ninguém compra fiado. Isto é apenas para não perder o controle. Assim que eles acabarem o serviço, me pagam".